

PLANTANDO O HOJE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O PROCESSO DE REABILITAÇÃO ATIVA DE UM IDOSO NA FAZENDA DO SOL

AUTOR: Camilla de Melo Silva¹; **CO-AUTORES:** Ariadne Messalina Batista Meira²;
Elizama Leal de Melo Lima³; **ORIENTADORA:** Cristina Ruan Ferreira Araújo⁴

Universidade Federal de Campina Grande | camillameloslv@gmail.com

RESUMO

O uso das plantas medicinais com fins terapêuticos não é nenhuma novidade. Este é culturalmente (re)passado de geração para geração, porém, com o passar do tempo, esse conhecimento vai se dissipando em virtude dos novos que vão surgindo. De tal modo, faz-se necessária a pesquisa e os estudos acerca do conhecimento sobre tais plantas e, mais do que isso, o uso que delas é feito. Da mesma maneira, os trabalhos de extensão surgem como grandes aliados para a fixação e o contato direto com a sociedade e a consequente troca de conhecimento que dele pode advir. Assim sendo, o presente trabalho traz um relato da experiência vivenciada pelo Programa PET/conexões de saberes – Fitoterapia do conhecimento popular à comprovação científica (CCBS-UFCG) na comunidade terapêutica Fazenda do Sol, em Campina Grande/PB. O relato objetiva retratar um recorte da realidade apresentando como a atividade extensionista veio a colaborar/influenciar com o processo de reabilitação de um interno idoso da Fazenda e, por fim, apontar como o uso das plantas medicinais podem contribuir com tal processo.

Plantas medicinais; Fazenda do Sol; idoso; reabilitação.

ABSTRACT

Should not exceed 250 words, unic paragraph, justified, regular and single column, Arial font size 11, without references, tables, graphics or highlights of any kind . Add three to five keywords should be written on the next line , separated by commas and terminated by point.

¹ Discente do Curso de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Campina Grande (CCBS/UFCG). Bolsista do Programa de Educação Tutorial/PET Conexões de Saberes Fitoterapia.

² Discente do Curso de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Campina Grande (CCBS/UFCG).

³ Discente do Curso de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Campina Grande (CCBS/UFCG).

⁴ Orientadora Docente do Curso de Enfermagem e Medicina do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Campina Grande (CCBS/UFCG). Tutora do Programa de Educação Tutorial/PET Conexões de Saberes Fitoterapia.

INTRODUÇÃO

O uso das plantas com fins terapêuticos está longe de ser uma inovação em saúde. Desde os primórdios, o homem busca fazer uso da natureza para obter melhoria de vida – inicialmente utilizando-a para alimentar-se e mais adiante para a cura de algumas doenças (1). Desde então estas plantas estão presentes no dia-a-dia da população e o uso perdura até hoje, seja pelo conhecimento tradicional na medicina dos indígenas, dos quilombolas ou de quaisquer outros povos e comunidades; seja pelo uso popular – medicina popular – da transmissão oral entre as gerações; ou nos sistemas oficiais de saúde, como prática de cunho científico, orientada pelos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS).

O termo *fitoterapia* foi dado ao tratamento que utiliza os medicamentos que têm como constituintes ativos plantas ou derivados vegetais, e que tem a sua origem no conhecimento e no uso popular (2). De acordo com o mesmo autor, as plantas utilizadas para esse fim são tradicionalmente denominadas medicinais.

Segundo o Ministério da Saúde (2012) (3), podemos verificar que as plantas medicinais, e tudo que delas derivam, estão entre os principais recursos terapêuticos da medicina tradicional e da medicina complementar. Elas vêm sendo utilizadas pela população brasileira no seu cuidado à saúde – seja na tradição popular, seja através dos programas públicos de Fitoterapia que o SUS disponibiliza.

Nesse sentido, e cientes da importância e viabilidade do uso das plantas como mais um meio de tratamento de diversos problemas de saúde, surgiu a proposta de ação extensionista: *“Plantando o hoje: um processo de reabilitação ativa na Fazenda do Sol”*. Busca-se voltar a atenção (e o trabalho) para um espaço da comunidade que ainda apresenta carência social e, mais especificamente, uma instituição que reconhece pertinente a implementação de atividades diretas e indiretas que possam vir a colaborar com o processo de tratamento e ressocialização de seus internos.

Localizada no município de Campina Grande/PB, a Fazenda do Sol recebe há onze anos homens que se encontram em condição de dependência química. São internos que passam por um tratamento de cerca de doze meses. O trabalho realizado com estes é pautado na religiosidade, na terapia ocupacional e na convivência. Além disso, há um conjunto de atividades realizadas diariamente pelos internos, tornando-os, pois, atuantes diretos em seu tratamento.

Neste sentido, e visando colaborar com as atividades do espaço, pensou-se em promover um caminhar diferenciado para os internos da Fazenda. A extensão aconteceu no período de abril de 2015 a julho de 2015 – com encontros quinzenais. O trabalho visou cumprir todas as etapas consideradas pertinentes para que, ao final do ciclo, cada participante – direto ou indireto – esteja capacitado a plantar, cultivar e colher as plantas que servirão para o seu consumo (desde que orientado) e, para além disso, para os demais usos que venham a surgir.

O objetivo da extensão foi difundir, a partir de oficinas e rodas de conversas, os princípios e práticas da Fitoterapia, capacitando os internos à implantação de pequenos modos de produção comunitários, como as hortas no entorno da Fazenda, cujos produtos podem ser usados para o autoconsumo orientado – gerando, assim, a noção de autocuidado por parte de cada interno.

Diante de tais aspectos, surgiu a necessidade de realização de oficinas – e das práticas que delas advêm – que almejassem o esclarecimento com relação ao plantio, cultivo, manipulação e utilização das plantas medicinais.

Na instituição em questão não há funcionários. Todo o trabalho realizado é dividido entre os internos. Isto permite que eles se mantenham ocupados em atividades o dia inteiro, cumprindo horários e funções e, conseqüentemente, tornando-se sujeitos protagonistas em seus processos.

Tendo em vista tais práticas, o manejo com as plantas, para além de todos os pontos já destacados e discutidos, a extensão proposta serviu como (mais) uma alternativa terapêutica para o tratamento e a ressocialização dos (ex) dependentes químicos ali presentes. Estes se viram em contato direto e ativo com o processo pelo qual estão passando, uma vez que a ideia base – para além da troca de conhecimento sobre a Fitoterapia – é que os “frutos” por eles colhidos pudessem ser utilizados.

Assim, e diante de todos os pontos a serem levados em consideração para a realização deste trabalho, fez-se necessária a construção de estratégias que otimizassem e promovessem o uso adequado da Fitoterapia, enquanto prática integrativa em saúde junto à comunidade. Evidenciando nessa proposta a

possibilidade de melhor se inserir no que diz respeito à aprendizagem participativa onde deveremos primar em proporcionar um ambiente de permutas mútuas de saberes e na promoção de atividades contínuas.

A partir do uso de tais estratégias e dos momentos vivenciados com a extensão, pôde ser feito um recorte da experiência vivenciada e, diante deste, surge o presente relato – que visa trazer os resultados da participação de Sr. Sebastião⁵ (71 anos e interno da Fazenda há anos) apresentando, também, como este trabalho influenciou positivamente em seu processo de reabilitação – seja por sua identificação e domínio do saber proposto (a Fitoterapia), seja por sua participação direta e atenta em cada um dos encontros propostos ou pelo modo como demonstrou encarar tais momentos.

É importante que voltemos nossos olhares para espaços (e indivíduos) que detêm de grande potencial – seja em se tratando da própria necessidade, seja por disponibilizarem de questões físicas adequadas – para o desenvolvimento de pesquisas e trabalhos de extensão voltados para este contexto. É importante que se faça uso do conhecimento para o usufruto da comunidade/sociedade e, mais do que isso, que ele saia do espaço acadêmico e seja posto em prática com a sociedade.

METODOLOGIA

No que se refere às estratégias metodológicas, a extensão adotou a metodologia da pesquisa-ação que segundo Thiollent (4):

É um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (4)

⁵ Nome fictício.

O projeto foi realizado na Fazenda do Sol, em Campina Grande/PB, e participaram do mesmo alunos do Programa PET/conexões de saberes – Fitoterapia do conhecimento popular à comprovação científica (CCBS-UFCG). Inicialmente, os extensionistas passaram por um processo de pesquisas e revisões bibliográficas para a obtenção de ferramentas teóricas que servissem de suporte para os momentos que viriam a acontecer na Fazenda.

Durante a primeira visita ao espaço, foi aplicado um questionário com os internos para que se pudesse apreender qual o nível de conhecimento destes com relação à Fitoterapia e, claro, ao uso das plantas medicinais como forma de auxílio no tratamento da reabilitação de dependentes químicos. Assim como qual o problema que os levou à Fazenda do Sol – visando trabalhar com questões específicas do tratamento – e quais os principais sintomas – físicos, biológicos e psicológicos – sentidos no processo de reabilitação. A partir disso, aconteceram as oficinas, rodas de conversas e os momentos de discussão que estavam sendo propostos pelo trabalho de extensão.

Diante do contato direto com os internos – proporcionado através da interação durante e após as atividades – surgiu a possibilidade de relatar a experiência e a troca de conhecimento entre a equipe da referida extensão e um idoso da Fazenda do Sol – Sr. Sebastião, 71 anos. Assim, tal relato é resultado da observação, durante as oficinas e rodas de conversas, e, para além destas, de diálogos com o interno. Nestes, puderam ser observadas e registradas, dentre outras questões, percepções de vida do interno; assim como o modo como este lida com a (atual) conjuntura na qual está inserido; a sua recepção com à atividade proposta; e como esta interferiu/colaborou em/com seu processo de reabilitação dentro da Fazenda do Sol.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Interno da Fazenda do Sol há anos, Sr Sebastião é um dos poucos idosos do lugar. Reincidente por uso abusivo de álcool, ele é (re)conhecido por todos – uma vez que é uma figura relativamente permanente em um lugar com grande fluxo de internos. Sr. Sebastião é aquele que sempre fica.

Participante e atento em todos os encontros propostos pelo trabalho de extensão do PET – Fitoterapia; ele nos chamou atenção, inicialmente, pelo modo como expunha o seu conhecimento diante dos temas discutidos. Com a mão levantada, em respeito à fala alheia, sempre tinha algo a expor: fosse uma planta ainda não mencionada, fosse uma experiência de vida.

A partir de suas falas, percebeu-se que a sua participação refletia seu bem estar: ele se sentia ouvido e participante ativo. Isto foi apreendido, para além de nossa observação, através das conversas que tínhamos com o interno ao final de cada momento: *“Eu sei muita coisa e é bom poder ensinar a esses meninos mais novos. Eles me escutam, né?”*, disse. Isto nos leva a pensar a importância de reconhecer o idoso como parte integrante e primordial não apenas nas atividades que estavam sendo realizadas, mas em diversos contextos sociais. Reitera-se com a fala de Lima (5):

É desejável que o envelhecimento ocorra com qualidade e manutenção da autonomia dos indivíduos, buscando preservar a oportunidade dos mais velhos continuarem a participar da sociedade, e minimizar as possibilidades de exclusão social. (5)

Em uma das rodas de conversas, contamos com a participação de um pesquisador que atua na área de produtos naturais e pudemos, para além de todo o conhecimento adquirido e trocado, observar o modo como Sr. Sebastião agia durante a atividade. Atento a tudo o que era dito, ele participou diretamente da discussão fazendo algumas inferências e surpreendeu a todos quando trouxe uma planta medicinal – e sua propriedade curativa – que não era do conhecimento do grande grupo e do próprio pesquisador presente.

Ao final, um dos integrantes da extensão conversou com o interno e ele afirmou conhecer a planta a partir do conhecimento passado por seus pais e da necessidade de tomar remédios naturais em uma época na qual a medicação alopática⁶ não era uma possibilidade palpável: *“a gente num tinha dinheiro pra tomar*

⁶ A medicação “de farmácia”; industrializada.

*remédio não. Aquilo era coisa de rico. A gente vivia tomando chá e era de planta que a gente mesmo plantava*⁷.

Isto nos levou a constatar o quão importante é a figura deste idoso para aquele contexto: o Sr. Sebastião pode apossar-se do papel de transmissor de um conhecimento que, embora popular e oralmente (re)conhecido, encontra-se disperso quando o buscamos em uma sociedade marcada pela globalização e explosão (constante) de informações.

Direcionando o olhar para a literatura – de modo a conectar a realidade vivida ao que é dito por teóricos da área – torna-se válido mencionar que Anthony Giddens afirma que, geralmente, as pessoas se tornam dependentes químicos devido à ausência de um acompanhamento dentro de padrões de desenvolvimento natural do ser humano, em que um aprende com o outro a aceitar o mundo real como real e adquirir segurança a partir da confiança estabelecida nas primeiras relações humanas (6).

Afirma ainda que, as pessoas sofrem influências do meio social em que estão inseridas, e essas influências refletem em suas questões relacionais, sejam no trato da segurança ou insegurança, submissão ou prepotência, satisfação ou insatisfação e isso, porque a modernidade foge a este padrão de desenvolvimento recusando o relacionamento interpessoal, e, com isso produzem-se a exclusão e a marginalização (6).

Partindo deste pressuposto e corroborando com o que foi dito, para o bem ou para o mal, acredita-se que o ser humano tende a deixar-se envolver pela realidade na qual está inserido. Assim, se esteve diante de situações de vulnerabilidade – social ou psicológica – este acaba por ser influenciado. Do mesmo modo, espera-se que, em situações de “não vulnerabilidade” e/ou num espaço de reabilitação da realidade anterior, este venha a se envolver com o que lhe é proposto.

A partir de suas vivências anteriores e diante da que estava sendo colocada, Sr. Sebastião passou a contribuir diretamente com as atividades da extensão. Ele

⁷ Fala de Sr. Sebastião.

passou a compartilhar o seu conhecimento – advindo, também, de uma tradição – e a colaborar com a construção do saber dos internos mais novos – que se divertiam com a forma com idoso se expressava e acabavam por apreender o conteúdo de forma dinâmica.

Outro ponto constatado foi como o uso das plantas medicinais vem a contribuir no processo de reabilitação do idoso em questão. Seja com o bem estar advindo da sua contribuição (durante a extensão, acredita-se, após ela) a partir do conhecimento que pode ser transmitido, seja pelo uso de chás no tratamento de sintomas advindos da abstinência, seja, ainda, pelo uso das plantas na confecção de medicamentos caseiros para acidentes domésticos que possam vir a acontecer.

De todo modo, para além do uso das plantas medicinais enquanto promotoras da saúde, é possível, e imprescindível, voltar o olhar para o papel social que estas podem desempenhar. Na Fazenda – partindo da relação do idoso com as plantas – elas servem de elo entre as gerações, de mola propulsora para o trabalho e de ferramenta para o autocuidado.

CONCLUSÕES

A partir da extensão proposta e do recorte da experiência aqui relatado, pode-se concluir que o trabalho realizado é positivo, pois este possibilitou a criação de um elo para a prática da interação entre a academia e o contexto da reabilitação de dependentes químicos, assim como o contato com a terceira idade que está inserida em tal contexto. Tal convivência é essencial para a formação profissional dos integrantes do projeto, mas, para além disso, é de extrema valia para o público que propomos alcançar.

É a partir do entrelaçar de conhecimentos – o acadêmico e o “popular” – que podemos ultrapassar os muros que nos cercam e ir além: fazer uso de ambos para propiciar melhoras na qualidade de vida de determinados indivíduos e sua comunidade.

REFERÊNCIAS

1. FARIA PG, AYRES A, ALVIM NAT. O diálogo com gestantes sobre plantas medicinais: contribuições para os cuidados básicos de saúde. *Revista Acta Scientiarum: Ciências da Saúde*, Maringá, v. 26, n. 2, p. 287-94, jul.-dez. 2004.
2. DE PASQUALE A. Pharmacognosy: oldest modern science. *Journal of Ethnopharmacology*, [S.I.], v. 11, p. 1-6, 1984.
3. BRASIL MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica/Ministério da Saúde*. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2012. 156 p. : il. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Cadernos de Atenção Básica ; n. 31).
4. THIOLENT M. (1986). Notas Para o Debate Sobre Pesquisa-Ação. In: C. R. Brandão (Org.). *Repensando a Pesquisa Participante*, 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp. 82-103.
5. LIMA AMM, SILVA HS, GALHARDONI R. Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 12, n. 27, p. 795-807, Dez. 2008 .
6. BESSA DB. (2005). A literatura de auto-aconselhamento: Recurso Pós-Moderno. *Teologia Prática*, Belo Horizonte, ano 3, n. 5, p. 41, jul - dez.